

A PAISAGEM CULTURAL COMO LINHA DE CONCEPÇÃO DE UMA ROTA TURÍSTICA: O EXEMPLO DO ALTO BARROSO – NORTE DE PORTUGAL

António de Sousa Pedrosa
aspedro@gmail.com

Andreia Pereira
andreiaplup@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: GEOMORFOLOGIA E COTIDIANO

Resumo

O Alto Barroso constitui uma unidade paisagística que se individualiza no contexto regional pela conjugação de factores morfo-estruturais, hidro-geológicos e fito-sociológicos, assim como pelas características únicas de aproveitamento agro-pastoril do espaço, resultantes de um profundo legado histórico-cultural.

A ocupação histórica deste território é amplamente documentada por vestígios arqueológicos megalíticos, castrejos, romanos e medievais. A presença sucessiva de diversos povos e culturas na região do Alto Barroso traduziu-se num processo multissecular de apropriação do espaço, expresso na sua organização funcional e na implementação de estratégias de exploração do potencial produtivo do meio biogeofísico. Este processo deu origem a uma progressiva transformação e modelação da paisagem, que hoje se apresenta como um património eco-sociológico, culturalmente construído.

O perfil morfológico de uma vertente típica no Alto Barroso corresponde, simultaneamente, a um padrão específico de distribuição dos usos do solo, cuja sequência em altitude é determinada pela variação das condições edáficas, das disponibilidades hídricas e pelas características de declive. Os prados naturais e seminaturais, as culturas cerealíferas de sequeiro e a horticultura extensiva dão forma a um mosaico paisagístico sustentando por uma intrincada rede de complementaridades e interdependências funcionais. Os “lameiros”, pastagens permanentes semi-naturais, encontram-se no centro do funcionamento deste sistema agro-pastoril, sendo o suporte da actividade pecuária, principal produção local de base primária e garante da fertilidade dos solos agrícolas por via da geração de estrume. A “rega de lima”, sistema de regadio característico dos “lameiros”, de origem provável pré-romana, sublinha a singularidade desta paisagem cultural, cuja reprodução ainda no presente se alicerça em técnicas ancestrais de gestão comunitária.

O potencial turístico deste território consubstancia-se assim na narrativa da sua história, da sua construção e evolução, que lhe permitem conciliar no presente um incomparável património edificado, ambiental, cultural e paisagístico, cuja compreensão apenas é possível de forma articulada.

Nesse sentido, a rota de exploração turística do Alto Barroso aqui proposta pretende assumir um carácter unificador à escala regional, ligando pequenos percursos temáticos locais, e valorizando a história, a paisagem e a identidade deste território como um património integrado.

Palavras chave: Alto Barroso, patrimónios endógenos, paisagem cultural, turismo, rotas culturais

Abstract

The “Alto Barroso” is a landscape unit that is individualized in a regional context by combining morpho-structural factors, hydro-geological and phyto-sociological as well as the unique characteristics of agro-pastoral use of space, resulting from a deep historical legacy-cultural.

The historic occupation of this territory is well documented by several archaeological remains. The presence of a succession of different peoples and cultures in the “Alto Barroso” resulted in a centuries-old process of appropriation of space, expressed in their functional organization and implementation of strategies to exploit the productive potential of the medium biogeophysical. This has generated to a gradual transformation and shaping of the landscape, which today presents itself as an eco-sociological heritage, culturally constructed.

The morphological profile of a typical slope in “Alto Barroso” corresponds to a specific pattern of distribution of land uses, whose sequence is determined by the altitude variation of soil conditions, water availability and the characteristics of slope. The semi-natural grassland, rainfed cereal crops and horticulture originate an extensive landscape mosaic by maintaining an intricate web of functional interdependencies and complementarities. The “marshes,” semi-permanent pasture natural, are at the center of the operation of the agri-pasture, as the support of livestock breeding, agricultural main activity at the same time ensuring the fertility of agricultural soil by the generation manure. The “rega de lima” irrigation system characteristic of “meadows” of probable pre-Roman origin, stresses the uniqueness of this cultural landscape, which even in this play is rooted in ancient techniques of community management.

The tourism potential of this territory is consolidated well in the narrative of its history, its construction and evolution, which allow you to combine in this incomparable architectural heritage, environmental, cultural, which is reflected in its landscape, whose understanding is only possible in an articulated .

In this sense, the route of tourist exploitation of the “Alto Barroso” proposed here intends to assume a character unifying the regional scale, linking short journeys local theme, and appreciating the history, landscape and identity of this area as an integrated heritage.

Keywords: Alto Barroso, indigenous heritage, cultural landscape, tourism, cultural routes

Justificativa e Problemática

O desenvolvimento de viagens *touring*, nomeadamente o *touring* cultural e paisagístico relaciona-se, por um lado, com a configuração de um espaço territorial, administrativo e económico que concentre diversas manifestações culturais e, ainda, um vasto património natural, paisagístico, arqueológico, construído civil ou religioso, gastronómico...e, por outro, com o avanço permanente e sustentado na melhoria das condições materiais da população em geral, que acaba por promover as viagens e o turismo, em si. No entanto, as oportunidades não resultam apenas do crescimento da procura primária de viagens de *touring*, isto é, daquelas viagens que têm como motivação base a realização de um *tour* ou circuito como principal actividade, mas também de consumidores que viajam com outras motivações, e que, uma vez no destino

da sua viagem, procuram complementar e enriquecer a sua experiência turística mediante a realização de tours ou circuitos ocasionais, combinando atracções paisagísticas e culturais para descobrir e fruir do território onde se encontram

Quando se pensa na concepção de uma rota ou de um circuito ele deve constituir a base das experiências que podem ser vividas pelo viajante de *touring*. Devem ser o eixo que estrutura, ordena e sistematiza a variedade de elementos e actividades que se reúnem num determinado espaço, facilitando ao cliente a compreensão das diversas componentes turística/culturais do território de forma que o turista se vá envolvendo emocionalmente com os conteúdos que são apresentados, para que vá sentindo que faz parte do espaço/território que se encontra a visitar. Esta ideia é ainda mais vincada quando se pensa no *touring* como modalidade de viagem independente onde é o próprio cliente que, cria a sua experiência, pois o modo como frui de uma paisagem, aprecia a beleza ou o valor histórico-artístico de um determinado monumento depende apenas de si.

Assim, quando se propõe uma rota deve ter-se em consideração as condições materiais e ambientais de modo a oferecer o melhor cenário possível de forma que as experiências vividas se tornem positivas.

Entendemos que sendo as rotas um instrumento de apoio á exploração do território elas revelam-se fundamentais ao enriquecimento do turismo em espaço rural, do ecoturismo ou do turismo cultural.

A concepção de uma rota original, tendo tema âncora a Paisagem Cultural do Alto Barroso, Norte de Portugal tem como objectivo demonstrar o nosso conceito de rota turística, salientando a sua inegável importância enquanto instrumento de apoio à exploração de um território sob o ponto de vista do turismo interpretativo, cultural e sensorial (Figura. 1)

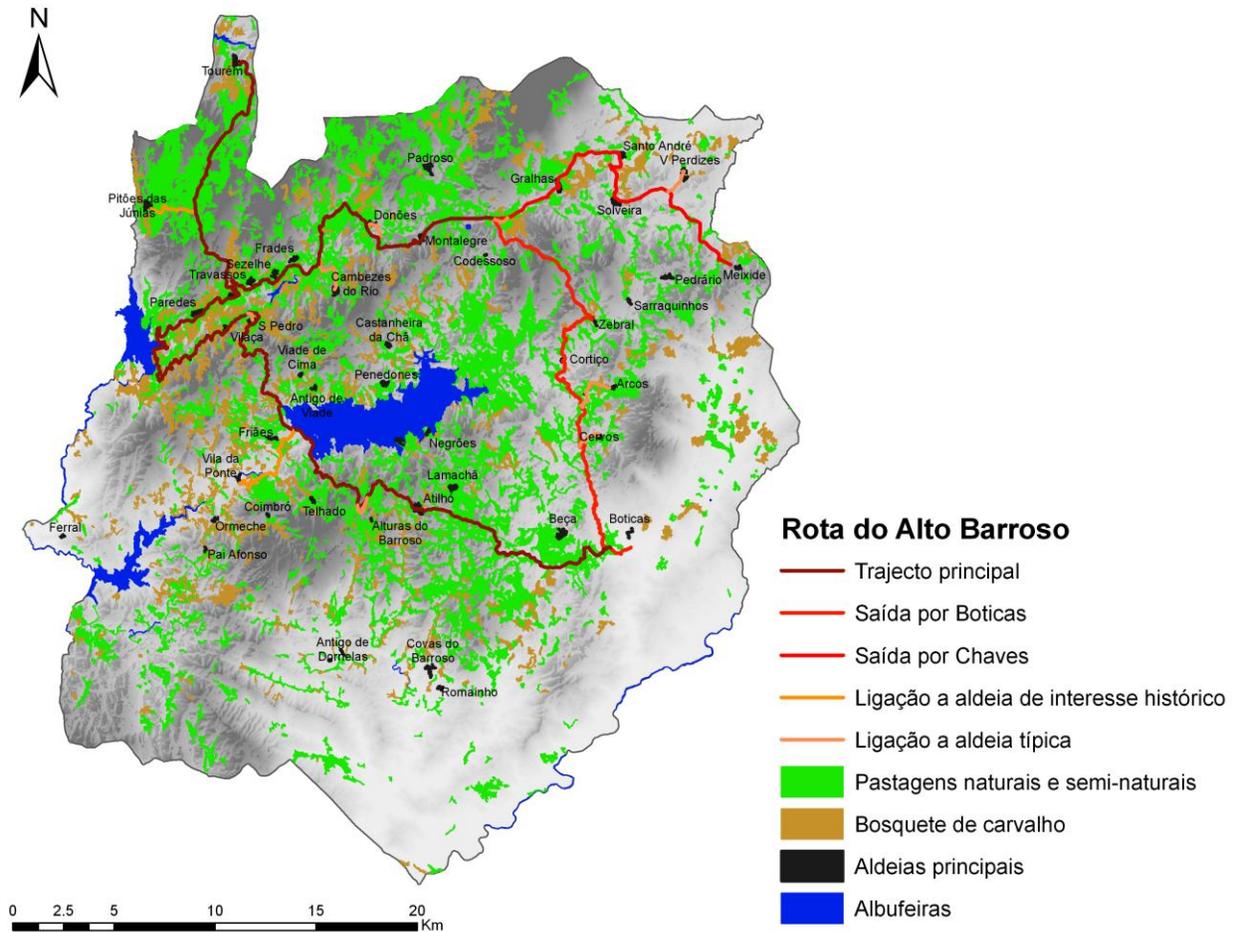


Figura. 1 – Proposta de rota uma rota cultural no Alto Barroso (Montalegre-Portugal)

Pensamos que é uma nova forma prospectiva de entender os territórios enquanto produto turístico e uma visão do turismo como eixo de mobilização de actores e dinâmicas de desenvolvimento

A escolha da Região do Alto Barroso, deve-se ao facto de ela constituir uma unidade paisagística que se individualiza no contexto regional pela conjugação de factores morfo-estruturais, hidro-geológicos, climáticos e fito-sociológicos, assim como pelas características únicas de aproveitamento agro-pastoril do espaço, resultantes de um profundo legado histórico-cultural.

A paisagem Cultural do Alto Barroso

Distinguindo-se pela sua feição vincadamente planáltica, o *Alto Barroso* desenvolve-se a nordeste do Parque Natural Peneda-Gêres, estendendo-se até à fronteira com a região da Galiza. Resultando do soerguimento alpino da Região Trasmontana, a sua delimitação geomorfológica define-se nitidamente

pelos alinhamentos tectónicos de orientação NE-SW, coincidentes com vales encaixados, como é o caso do Tâmega.

A ocupação histórica deste território é amplamente documentada por vestígios arqueológicos megalíticos, castrejos, romanos e medievais. A presença sucessiva de diversos povos e culturas na região do *Alto Barroso* traduziu-se num processo multissecular de apropriação do espaço, expresso na sua organização funcional e na implementação de estratégias de exploração do potencial produtivo do meio biogeofísico. Este processo deu origem a uma progressiva transformação e modelação da paisagem, que hoje se apresenta como um património eco-sociológico, culturalmente construído (A. Pedrosa, A. Pereira, 2009^a, 2009^b)

A paisagem Cultural do Alto Barroso reverte de uma dinâmica muito própria proveniente da interacção Homem/meio ambiente. Reflete a aplicação secular de técnicas sustentáveis de uso do solo, adaptadas às características naturais dos territórios, nomeadamente as condições climáticas, os aspectos geomorfológicos, as características dos solos, as disponibilidades hídricas, etc., que servem de suporte às comunidades humanas e às diferentes actividades antrópicas alicerçadas num conhecimento tradicional intergeracional.

Esta relação multissecular entre os processos naturais e as actividades antrópicas possibilitou o desenvolvimento de um equilíbrio dinâmico, assente numa estrutura de interdependência e complementaridade de funções. Por isso, esta *Paisagem Cultural* pode ser considerada uma *Paisagem Viva*, cuja continuidade só poderá ser garantida através da manutenção do seu papel social, articulado com preservação e evolução sustentável dos modos de vida e processos produtivos tradicionais.

Uma das características fundamentais do mosaico paisagístico da região do *Alto Barroso* que poderemos denominar como a *paisagem das pastagens permanentes* é associação dos *lameiros* e de *pastagens pobres* dos planaltos superiores que dão uma individualidade muito particular a esta área (Foto 1)



Foto 1 – Paisagem de lameiros no Alto Barroso

Resultam primeiro de uma componente sócio económica: são povos agro-pastoris desde tempo imemoriais. Foi sempre a actividade principal do povo que habitou esta região. É uma actividade pré-romana que se manteve até aos nossos dias. Em segundo lugar porque apresenta características naturais que interagem entre si de forma particular contribuindo para a singularidade desta paisagem e desta região.

É uma região planáltica com uma altitude média de 700m onde se desenvolvem com vales profundos, muitos deles resultantes da facturação tectónica das

rochas; No que se refere à litologia predominam as rochas granitóides onde se desenvolveram mantos de alteração relativamente profundos que permitiram o aparecimento de solos que puderam ser aproveitados para a prática agrícola. Apresenta condições climáticas específicas condicionadas pela altitude e pelas características morfológicas da área, nomeadamente no que se refere ao comportamento anual da temperatura e, ainda à quantidade de precipitação. A temperatura média anual é relativamente baixa (10°) mas o principal facto assinalar é a forte amplitude térmica anual o que implica temperaturas muito baixas durante os meses de Outono e Inverno (Novembro a Março) onde facilmente se atingem temperaturas negativas que tem determinado tipo de implicações como o aparecimento de nevões e um número elevado de dias de geada que pode atingir os 80 dias anuais. Por outro lado, os meses de Verão são extremamente quentes. A quantidade de precipitação nas áreas do planalto pode ser superior a 2400mm anuais concentradas principalmente nos meses de Inverno e Primavera. Este valor elevado de precipitação, associado com a existência dos mantos de alteração profundos nos granitos explica a grande disponibilidade hídrica existente na região que os povos desde sempre souberam organizar e aproveitar em seu benefício, criando importantes sistemas de irrigação por gravidade que mantinham e mantêm verdes as pastagens para os seus gados.

Estes sistemas ancestrais de tradição celta permitiram um aproveitamento agro-pastoril desta região baseado no sistema de pastagens permanentes de complementaridade entre as pastagens pobres comunitárias localizadas nas altitudes mais elevadas e mais agrestes e os “lameiros” que se desenvolvem em áreas planáticas de altitude inferior ou no fundo das vertentes dos vales fluviais em sistemas de socalcos, técnica agrícola também desenvolvida pelos povos de cultura celta ou celtizados (A. Pereira, A. Pedrosa, 2007).

Os *lameiros* são irrigados durante todo o ano através do sistema de “*rega de lima*”¹ (Figura 2). Esta rega cumpre o objectivo da regulação térmica do solo e da vegetação, favorecendo o balanço energético da pastagem: *"Através de um engenhoso conjunto de regadeiras de ordem hierárquica sucessivamente menor, o caudal disponível é dividido de forma a que toda a parcela a regar fica coberta por uma lâmina de água que é recolhida por outra regadeira a jusante e finalmente, a parte que não se infiltra, devolvida ao curso de água depois de limar toda a parcela"* (L. Pereira; V Sousa 2005). Só por si, esta técnica de irrigação ancestral, tem de ser considerada um valor patrimonial, já que tecnologicamente implica uma estratégia de adaptação ao meio, e implica um trabalho comunitário pois exige entreadajuda entre todos os beneficiários dos canais de irrigação (foto 2)

¹ Localmente denominam-se “*regadeiras*” de nível.

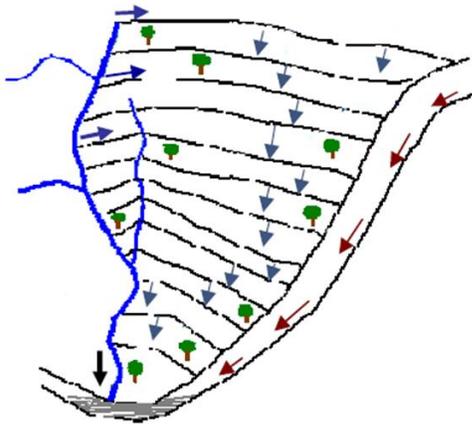


Figura 2 – Esquema explicativo da “rega de lima”.



Foto 2 – “Rega de Lima” no Alto Barroso

Possui funções agro-ambientais fundamentais relacionados com a regularização térmica do solo já que durante os meses de inverno impede a actuação do gelo nos lameiros permitindo assim o desenvolvimento das gramíneas necessárias á manutenção da pastagem, enquanto que de verão repõe os níveis hídricos no solo necessários para que o crescimento das herbáceas se continue a verificar. Tudo isto implica uma função económica ao permitir uma certa carga de efectivo pecuária ao longo de todo o ano. A rega de lima é, assim, um dos pilares da sustentabilidade das pastagens permanentes e da própria paisagem cultural barrosã.

Consideramos então que os “lameiros” (prados permanentes ou seminaturais) são um dos sustentáculos da identidade paisagística do Alto Barroso. Eles traduzem diversas funções, nomeadamente as ambientais já que possuem um papel ecológico relevante na conservação da biodiversidade animal e vegetal (L. Poças; M. Cunha; L. Pereira 2006), mas mantém também as tradicionais funções económicas já que são a base da alimentação do efectivo pecuário autóctone, a raça bovina barrosã que no passado servia como força de trabalho assumindo, na actualidade, características de produção da carne certificada do Barroso.

Podemos ainda destacar das suas diversas funções a regulação do ciclo da água, à qual podemos juntar formação de solos e sua protecção contra a erosão dos solos, o controle dos incêndios florestais por via da sua elevada humidade e, ainda como já referimos a manutenção da biodiversidade. Finalmente o seu valor paisagístico é cada vez mais valorizado quer pela diversidade do mosaico paisagístico, quer pelo valor

cénico que possui nas diferentes estações do ano e, ainda, como uma mais valia quando utilizada como recurso turístico (A. Pereira, A. Pedrosa 2010)

A manutenção do pastoreio em sistemas forrageiros como os *lameiros* do *Alto Barroso* é a única forma de preservar as características fitossociológicas próprias e a diversidade botânica em presença, que se traduz ainda na a diversificação da própria paisagem. A manutenção de determinados níveis mínimos de ocupação do solo e a conservação, ao nível da exploração agrícola, de determinados componentes da paisagem, são, assim, fundamentais para a manutenção da biodiversidade. A conservação da natureza e em especial a manutenção da biodiversidade, bem como a protecção da paisagem rural só é possível através da manutenção das populações no espaço rural - requisito que tem vindo a ser posto em causa pela progressivo despovoamento desses territórios.

Os factores naturais tiveram uma importância fundamental na construção desta paisagem mas o homem foi o seu obreiro. Os diferentes povos, as diferentes culturas, as diversas gerações foram deixando as suas marcas que hoje são o sustentáculo da paisagem mas ao mesmo tempo é a paisagem que as mantém no seu enquadramento histórico-cultural.

Assim são conhecidos diversos vestígios pré-históricos que atestam que a Região do Barroso foi ocupada pelo menos desde o neolítico. Existem diversos monumentos correlacionados com esse período espalhados por toda a terra barrosã: antas, mamoadas, “*forninhos*”, dólmenes, etc.

Mas é dos celtas que se instalaram aqui sete ou oito séculos antes da conquista romana que se encontram numerosos vestígios no Alto Barroso e cujos conhecimentos e modos de vida se enraizaram definitivamente nos povos do planalto barrosão. Muitas das técnicas agro-pastoris e utensílios utilizados chegaram aos nossos dias e mantêm-se vivos. Viviam em castros que correspondiam a um recinto protegido por muralhas, fossos, ou por um dispositivo de defesa natural. Dentro dos muros construía-se as casas que, por norma, eram circulares e feitas em madeira, em pedra ou num material parecido com barro. Crê-se que a cobertura era feita com palha, tradição que se manteve ao longo dos séculos e que ainda hoje é possível observar em certas casas transmontanas, a que se dá o nome de colmo. A sua localização era estrategicamente escolhida de forma a dominarem o território onde desenvolviam as suas actividades de sobrevivência.

Com a chegada dos romanos, apenas no século II AC, já que os povos do Norte da Península Ibérica ofereceram forte resistência às legiões romana, ficaram estradas, pontes e, ainda alguns castros romanizados. Apesar de ser atravessada por duas estradas imperiais a romanização no Alto Barroso não foi muito intensa já que os povos nativos continuaram a exercer as actividades agro-pastoris segundo as técnicas e tradições que conheciam. Foi, sim, explorada já que “*daqui saíam enormes carroções de cereais (cevada, painço e centeio) e de minérios (sobretudo, estanho e ouro) que ajudaram os homens do Lácio a fazer de Roma o que ela é e a manter o império ao longo de meio milénio*” (J. Baptista, 2006)

O período seguinte ao desmembramento da época romana é um período de que se conhece muito pouco já que os vestígios, quer arqueológicos quer documentais são quase inexistentes. Sabe-se que os Suevos e os Visigodos, passaram por aqui, porque se encontraram algumas inscrições desse tipo. Mas qual a influência que exerceram na região? Pouco se sabe.

As invasões árabes não deixaram muitas marcas nesta região. Foi fugaz. Restam algumas lendas, alguns nomes toponímicos e alguns instrumentos de uso quotidiano.

Com o início da nacionalidade o povo barrosão participa activamente na sua construção. É dos tempos medievais que se constroem diversos castelos dos quais se salienta o de Montalegre e, é também desta altura que se inicia a construção de igrejas facto que demonstra a maior atenção que a igreja católica começa a dar na evangelização dos povos. O processo de evangelização foi lento e as populações afastadas dos principais centros e dióceses continuavam uma certa idolatraria ancestral que consistia na prática de arquétipos gentílicos, de actos ritualísticos e de superstições e que se relacionavam com o culto dos astros, do fogo, dos mortos, das águas e da natureza (das florestas, montes e trovões) e, ainda com agouros e adivinhações, ensalmos, exorcismos e encantamentos, etc...

O património religioso na região do Alto Barroso é numeroso e variado já que passa por mosteiros, igrejas, capelas, cruzeiros, alminhas. São de diversos tipos e de diversas épocas. De salientar, no entanto a existência de várias igrejas de estilo românico que vieram dos primeiros tempos da nacionalidade.

A par do património religioso desenvolveu-se também o património civil como a construção de alguns palácios relacionados com famílias de maiores posses mas é também de salientar umas séries de construções que se relacionavam com o quotidiano e as actividades fundamentais de sobrevivência do povo barrosão. Assim multiplicaram-se as fontes, moinhos de água, fornos comunitários, espigueiros..., que hoje constituem um património importante e são guardiãs de toda uma memória colectiva. A própria aldeia barrosã *“é caracterizada por ser um aglomerado de casas que se tocam de perto, separadas apenas por pequenas hortas ou logradouros. Normalmente têm um quintal anexo nas traseiras e cortes para os animais. Outra fachada, a principal, abre-se à rua ou largo, espaço de convívio e partilha da comunidade. Depois alongam-se, seguindo a orientação da rua principal ou irradiando pelas suas travessas a partir do centro onde, normalmente, se situa a capela ou igreja”* (C. M. Boticas s/d). De facto a aldeia² barrosã até meados do século passado era mais que um ajuntamento de casas, era também uma forma de vida social inscrita num modelo onde o comunitarismo era a base de sustentação e sobrevivência das comunidades rurais.

² O sentido da palavra aldeia significa o ajuntamento de casas onde se aglomeram famílias, que se organizam em comunidade de vizinhos.

Todos estes aspectos contribuem para a forte identidade da paisagem cultural do Alto Barroso. No entanto são as marcas vivas que continuam a dar vida a esta paisagem e continuam a sua contínua construção e evolução.

Muitas das actividades comunitárias que ainda se observam nesta região, tal como a própria rega de lima são heranças dos povos celtas que habitaram a região. São os celtas que introduzem e desenvolvem os sistemas de socacos, de forma a aproveitarem as vertentes de forte declive para a prática agrícola necessária à sua sobrevivência, tendo sido também responsáveis pela instalação dos sistemas de irrigação por gravidade de que, a rega de lima é uma especificidade. A utilização da vezeira na pastorícia é também uma herança desta cultura onde os trabalhos eram fundamentalmente comunitários. A marca da cultura celta é tão forte que há castros que nunca foram abandonados e chegaram aos nossos dias e continuam na sua intemporalidade.

Também as tradições culturais que se mantêm vivas resvalam na ancestralidade. Apesar do povo barrosão ter uma certa religiosidade naturalmente associada á preponderância da igreja católica desde os tempos medievais algumas manifestações culturais atestam uma forte ligação ao profano e á natureza que só pode ser entendida pela forte influência da cultura celta. A celebração em Montalegre das “*sextas feiras 13 – dias das bruxas*” ou o Congresso de Medicina Popular em Vilar de Perdizes, são exemplos vivos dessas tradições ancestrais que se perpetuaram e continuam na memória colectiva do povo. De facto os barrosões “*situados numa zona montanhosa, longe de tudo e de todos, crentes no sobrenatural, (...) acreditavam que as ervas, as orações, rezas ou benzeduras, eram também remédio para o tratamento de muitos problemas que afectavam os nossos antepassados*” (P. Gonçalves 2008).

A própria linguagem usada pelo povo barrosão pode reflectir muitas das características civilizacionais desta região. Segundo Paula Gonçalves (2008) “*o grau de cultura intelectual de um povo manifesta-se logo pelo estudo da língua porque ela é a expressão do pensamento e é, por isso, a melhor chave para entrar no campo psíquico e moral dos povos. (...) Mas a língua, evolucionando com o povo, é um documento para a reconstituição desse povo, aparecendo nela mais do que simples factos históricos: o progresso espiritual de uma sociedade*”.

Sobre a linguagem usada no Alto Barroso Rui Guimarães (2002) constata que a “*comunidade rural em situação de montanha configura também uma comunidade sociocultural e linguística muito ligada a valores tradicionais e matriciais de antanho, às origens mais remotas, visível ainda em topónimos, léxico característico do falar local, pronúncia de alguns fonemas, na literatura popular de transmissão oral, nas crenças e nas lendas, no imaginário popular, que a individualizam em relação a outras zonas de Trás-os-Montes e Alto-Douro*”.

Assim da cultura do homem barrosão nasceu uma linguagem ligada à vida prática, aos fenómenos naturais, às coisas, ao transcendente, ao psiquismo, aos valores, criando um léxico específico do falar local (R. Guimarães 2002).

A riqueza e a singularidade dos usos e costumes, crenças, superstições, certos rituais, e de um «falar» local que, dentro da própria região, incluindo o léxico, varia de aldeia para aldeia faz com que nasça e renasça um património de transmissão oral inesgotável e uma vastíssima componente lexical específica do peculiar e expressivo dialecto barrosão, variante linguística local, que mantém vivo o sagrado no imaginário deste povo, descendente de uma cultura celta ancestral, que nos faz reviver os mitos e ritos feitos desde a antiguidade, mas que, apesar de mascarados pela cultura cristã, perduraram até nós. É, de facto um extenso imaginário popular barrosão, que integra a medicina popular, rezas integradas em devotos cultos mágicos, e que se relacionam sempre com o sagrado da natureza e o sagrado cristão (P. Gonçalves 2008).

A linguagem barrosã mostra claramente o uso de símbolos relacionados com o culto celta da mãe natureza e o culto cristão do pai criador que se complementam, mas é importante salientar que no Barroso subjaz uma língua de símbolos, como o do pão, da cruz, das encruzilhadas, do vinho, do culto dos mortos, do culto das fontes, do culto de santos, do culto dos animais, entre outros.

É desta relação forte e directa do barrosão com a natureza e tudo que a envolve, tornados símbolos e arquétipos, que se constrói uma mitologia fabulosa no imaginário popular. Pelas evocações ritualizadas da fusão do sagrado e do profano, floresce um mundo ritual, do qual nascem as palavras do signo linguístico ou o léxico do falar local (P. Gonçalves, 2008)

A identidade cultural da região de Alto Barroso advém das características geográficas, do seu isolamento, mais imposto do que desejado, das especificidades do clima e dos solos, que moldaram as (sobre)vivências dos seus habitantes. Perante os constrangimentos e os poucos recursos foi necessário criar mecanismos, que permitissem às comunidades rurais (sobre)viver. Para isso criaram formas de cooperação e formas de regulamentação colectiva, vulgarmente denominadas como “hábitos comunitários”. Perante um ambiente hostil a “união faz a força”. Mais do que cada um por si, foi necessário a força do colectivo, a cooperação, a entreatajuda, a solidariedade, para garantir a sobrevivência e reprodução dos agregados domésticos seguindo a lógica de que “o pouco bem repartido dá para todos”. (C.M.Boticas, s/d)

O Turismo: um dos vectores de Desenvolvimento

O Alto Barroso surge-nos como uma entidade histórica e geográfica fortemente interiorizada não só na mente das suas gentes, como na cultura portuguesa que sempre a reconheceu, desde a Idade Média até aos nossos dias, como uma unidade dotada de identidade própria.

A grandiosidade da paisagem é surpreendente, resultando numa feliz combinação de condições naturais específicas aliados a recursos naturais que as populações souberam gerir no sentido da auto-sustentabilidade, onde a água assume um papel aglutinador, com presença continuada em fontes termais, lagos, rios e ribeiros de águas límpidas e, ainda pelo facto, das várias gerações de barrosões, desde os tempos imemoriais, terem deixado a sua marca contribuindo para a construção da identidade cultural que se baseia não apenas no património construído, mas também nas suas diversas lendas e tradições, e, ainda na sua vasta gastronomia directamente associada aos produtos de qualidade³ que os barrosões souberam preservar e agora começam a rentabilizar.

Assim a paisagem que aqui se visualiza, relaciona-se com a grandiosidade da natureza, que aliada a todo um património construído e cultural de elevado valor, possibilita uma multiplicidade de panoramas que se articulam com uma forte identidade cultural e com uma gastronomia de qualidade, que torna o *Alto Barroso* extremamente atractivo para o *touring* cultural e paisagístico.

O Turismo Cultural ganhou, nas últimas quatro décadas, novos e alargados significados, fazendo hoje parte das motivações profundas de um número crescente de pessoas, sobretudo no espaço europeu.

Entendemos, que o Alto Barroso dispõe dos requisitos básicos necessários para o desenvolvimento do *touring* cultural já que dispõe de uma forte disponibilidade de riqueza patrimonial e uma grande variedade de atractivos naturais e culturais e, ao mesmo tempo dispõe dos requisitos chave para obtenção de êxito, pois possui a existência de excelentes condições para o descoberta, conhecimento e fruição das atracções do destino.

O Turismo cultural poderá e deverá assumir-se como um dos motores de desenvolvimento local, gerador de riqueza e emprego, animador de trocas interculturais e, simultaneamente, motor da preservação do património cultural e da valorização da identidade local.

A concepção de uma rota original, explorando a paisagem cultural da região do *Alto Barroso*, procurou demonstrar um conceito de rota turística, salientando a sua inegável importância enquanto instrumento de apoio à exploração de um território. De facto tendo como tema âncora a *paisagem cultural* torna-se possível conciliar as variadas dimensões que nela se espelham resultantes da sua própria evolução, com a sua multiplicidade de funções e, ainda, com as diversas valências que encerra (Figura 3).

³ Na região do Barroso existem diversos produtos certificados: os produtos DOP (denominação de origem protegida) são a carne barrosã e o mel do Barroso; os produtos IGP (Indicação Geográfica Protegida) são os Carne de bovino cruzado dos lameiros do Barroso, o cabrito do barroso, o cordeiro do barroso, diversos produtos do fumeiro barrosão (Presunto, alheira, chouriça de carne, chouriço de abóbora, sangueira e salpicão). Encontram-se ainda para certificação diversos produtos relacionados com o pão: bica de carne, bica sovada, foliar e o pão de centeio do Barroso.

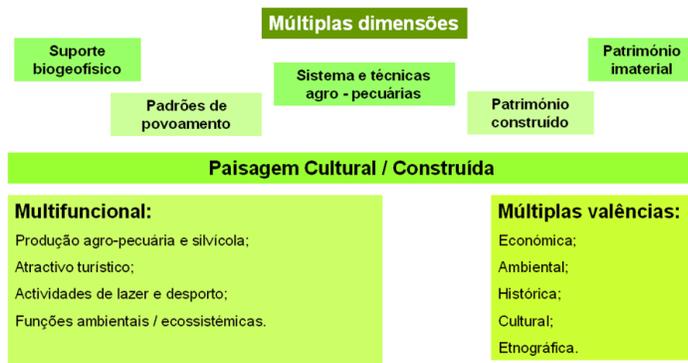


Figura 3 - A gestão da paisagem como estratégia de desenvolvimento territorial

o sustentáculo do próprio desenvolvimento.

Citaria para finalizar um autor local (J Baptista, 2006) que afirma que “*se não vendermos gato por lebre, temos futuro porque somos capazes de preservar o ambiente, os nossos valores culturais e as nossas tradições; porque temos paisagens deslumbrantes, porque temos silêncios que falam na alma; porque temos locais para a meditação e para a aventura, espaços para actividades desportivas de competição e de lazer; condições para satisfazer os gostos mais exigentes na pesca e na caça; sendas para caminhadas na floresta e na montanha escavada; águas para se fazer vela em cenários paradisíacos, para canoagem e provas de remo e para a prática do esqui aquático; porque temos serras para o alpinismo arrojado e para o montanhismo familiar (...)*” e acrescentaríamos, porque têm paisagem cultural única onde o sentir telúrico se manifesta de uma forma intensa.

Referências

- BAPTISTA, José Dias (2006) – *Montalegre*, Município de Montalegre, ISBN 972-8012-30-6, 156p.
Câmara Municipal de Boticas (s/d) – *Preservação dos hábitos comunitários nas aldeias do Concelho de Boticas*, Câmara Municipal de Boticas 168p.
GONÇALVES, Paula Alexandra Couto (2008) - *O Sagrado no Imaginário Barrosão e em Padre António Lourenço Fontes -Estudo Etnolinguístico*, Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 176p.
GUIMARÃES, Rui Dias (2002) - *O Falar de Barroso - O Homem e a Linguagem*. Viseu, João Azevedo Editor, 670p.
PEDROSA, António; PEREIRA, Andreia (2009^a) - *Synergies between the cultural landscape and the development of “Alto Barroso” region: Linking multifunctional farming, traditional products and tourism offer*, European Culture Expressed in Agricultural Landscape, Universidade de Cambridge, Cambridge, 41p.
PEDROSA, António; PEREIRA, Andreia (2009^b) - **Touring cultural e paisagístico no Alto Barroso: uma proposta integradora de patrimónios pela compreensão holística do território**, II Jornadas Internacionais de turismo: Dinâmicas de rede no Turismo Cultural e Religioso, CEDTUR, Maia, Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, 35p.
<http://www.pluridoc.com/Site/FrontOffice/default.aspx?module=Files/FileDescription&ID=6225&V=1>

PEREIRA, Andreia; PEDROSA, António (2010) - **Alto Barroso region: placing cultural landscape at the core of the sense of place and at the centre of the economic strategy**, *2nd Moravian Conference on Rural Research EURORURAL '10 – European Countryside under Globalization*, Mendel University of Agriculture and Forestry Brno, Faculty of Agronomy, Department of Applied and Landscape Ecology, Brno -Czech Republic.

PEREIRA, Andreia; PEDROSA, António (2007) - **Paisagem cultural das montanhas do Noroeste de Portugal: Um ciclo de construção, desestruturação e reconversão**, *Territorium*, Revista da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, Nº14, pp. 45-61.

PEREIRA, L.S.; SOUSA, V.S. (2005) - **Lameiros e prados de lima, uma paisagem das terras altas húmidas de Portugal**. Comunicação apresentada no *V Seminário Internacional CYTED-XVII. Un enfoque para la gestion sustentable del agua: Experiencias en zonas humedas*, Universidad de Buenos Aires,) disponibilizado em (http://www.cytod.agua.uba.ar/V_SEM_ppt/Santos%20Pereira/html/index.html) (consultado em 15 de Outubro de 2011).

POÇAS, I., CUNHA, M; PEREIRA, L., (2006) - **Pastagens seminaturais de montanha: Lameiros, sistemas ancestrais no século XXI**, *Taller CYTED XVII. El agua en Ibero-América: tecnologias apropiadas e tecnologias ancestrales*. Universidade de Piura-Peru, Lima.